



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

A Sala Verde como espaço dinamizador da educação ambiental no ensino profissional de nível técnico

Vívian Soares de Almeida¹
Lilian Couto Cordeiro Estolano²
Ana Maria Dantas Soares³

Resumo: O presente artigo busca balizar conceitos e tecer reflexões acerca da relevância da Educação Ambiental na formação profissional técnica de nível médio na área de Meio Ambiente. O lócus da pesquisa é a Sala Verde Centro de Integração Socioambiental – CISA/UFRRJ, que se concebe como um espaço dinamizador, pautado em uma perspectiva articuladora e integradora. Buscando compreender o papel da CISA no processo de formação desses jovens a partir do estágio supervisionado, a proposta desta pesquisa alicerça-se no eixo da abordagem qualitativa e objetiva entretecer as narrativas expressas por sujeitos diretamente envolvidos no espaço, contextualizando suas falas, atribuindo sentidos e apontando interpretações pertinentes à reflexões para ações futuras.

Palavras-chave: Educação Profissional, Educação Ambiental Crítica, Meio Ambiente.

The Green Room as a space for revitalizing environmental education in vocational education at the technical level

Abstract: This article seeks to conceptualise and reflect on the relevance of Environmental Education in the medium level technical vocational training in the area of Environment. The locus of the research is the Green Room for Socio-Environmental Integration - CISA / UFRRJ, which is conceived as a dynamic space, based on an articulating and integrating perspective. Seeking to understand the role of CISA in the process of training these young people from the supervised stage, the proposal of this research is based on the axis of the qualitative and objective approach to interrelate the narratives expressed by subjects directly involved in the space, contextualizing their speech, attributing meanings and pointing out interpretations pertinent to the reflections for future actions.

Keywords: Professional Education, Critical Environmental Education, Environment.

¹ Licenciada em Ciências Agrícolas. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. E-mail: viviansoaresufrj@gmail.com.

² Mestre em Ciências em Desenvolvimento, agricultura e Sociedade. UFRRJ/DTPE. Email: liliancordeiro.ufrj@gmail.com

³ Doutora em Ciências em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade. UFRRJ/DTPE. E-mail: anamdsrural@gmail.com

La Sala Verde como espacio dinamizador de la educación ambiental en la enseñanza profesional de nivel técnico

Resumen: El presente artículo busca balizar conceptos y tejer reflexiones acerca de la relevancia de la Educación Ambiental en la formación profesional técnica de nivel medio en el área de Medio Ambiente. El lusus de la investigación es la Sala Verde Centro de Integración Socioambiental - CISA / UFRRJ, que se concibe como un espacio dinamizador, pautado en una perspectiva articuladora e integradora. En el proceso de formación de estos jóvenes a partir de la etapa supervisada, la propuesta de esta investigación se centra en el eje del abordaje cualitativo y objetiva entretecer las narrativas expresadas por sujetos directamente involucrados en el espacio, contextualizando sus palabras, atribuyendo sentidos y percepciones que apunta a interpretaciones pertinentes a las reflexiones para acciones futuras.

Palabras clave: Educación Profesional, Educación Ambiental Crítica, Medio Ambiente.

1. Contextualizando e situando a questão

A Educação Ambiental surgiu no contexto de uma crise ambiental, amplamente reconhecida no final do século XX, e estruturou-se como fruto da demanda para que o ser humano adotasse uma visão de mundo e uma prática social capazes de minimizar esses impactos ambientais. Todavia, a constatação de que a Educação Ambiental não se compreendia apenas uma perspectiva ecológica, mas em um universo pedagógico multidimensional, que girava em torno das relações estabelecidas entre o indivíduo, a sociedade, a educação e a natureza, foi exigindo aprofundamentos que se desdobraram em sucessivas análises e aportes teóricos de crescente sofisticação, tornando essa prática educativa mais complexa do que se poderia imaginar (LAYRARGUES; LIMA, 2014). Com o propósito de promover a ampliação e o fortalecimento da EA em todo o território nacional, vêm sendo desenvolvidas políticas públicas voltadas para a temática. Uma delas é o Projeto Salas Verdes, delineado pelo Departamento de Educação Ambiental do Ministério do Meio Ambiente com o objetivo de promover a abertura de editais públicos de incentivo à implantação de espaços socioambientais para atuarem como potenciais Centros de Informação e Formação Ambiental.

Institucionalizada na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), a Sala Verde Centro de Integração Socioambiental –CISA/UFRRJ teve seu projeto aprovado pelo DEA/MMA em 2006 e suas atividades tiveram início ainda no mesmo ano. Sua proposta foi desenvolvida com o aporte do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Ambiental, Diversidade e Sustentabilidade (GEPEADS/UFRRJ), e a CISA foi instalada em um espaço cedido pelo Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente – CAIC Paulo Dacorso Filho, localizado no interior do *campus* Seropédica da UFRRJ.

A participação de estudantes do Colégio Técnico da UFRRJ (CTUR) como estagiários nas atividades da CISA teve início em 2015, a partir da demanda de um grupo de estudantes do Curso Técnico em Meio Ambiente em realizar o estágio supervisionado no local. Desde então, a CISA vem recebendo grupos de estudantes todos os períodos para o cumprimento da carga exigida para a obtenção do diploma do curso. O período para o cumprimento da carga horária total é determinado de acordo com a disponibilidade semanal de cada estudante, desta forma, há grupos que concluem em semanas e outros levam alguns meses.

No que se refere às atividades desenvolvidas, a Sala Verde CISA buscou promover experiências relativas à atuação profissional do técnico, bem como práticas pautadas na agroecologia e na educação ambiental crítica e emancipatória, afim de contribuir para a inserção de tais perspectivas na formação desses futuros profissionais. Durante o estágio, os estudantes participam de todas as etapas dos processos pedagógicos (planejamento, preparação de materiais, desenvolvimento da atividade e avaliação) desenvolvidos pelos projetos de educação ambiental com crianças da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, atuam na manutenção e reelaboração de espaços externos do CAIC Paulo Dacorso Filho (horta pedagógica, horta mandala, agrofloresta, farmácia viva, composteira, minhocário e jardim). A equipe da CISA (re)avalia e reestrutura sua proposta pedagógica de acordo com o perfil de cada grupo que se insere, considerando sua realidade, habilidades e afinidades, conhecimentos técnicos e empíricos, e domínio de conteúdos relativos ao curso. A partir desse diagnóstico inicial, organiza então as atividades a serem desenvolvidas, incluindo a problematização de temas geradores locais e globais, oficinas, palestras, vídeo-debates e visitas técnicas. O percurso metodológico adotado pela CISA se baseia na premissa de que educar para a sustentabilidade é a abertura ao diálogo e elaboração de estratégias pedagógicas que criem envolvimento, participação, motivação e aprendizado significativo, não se constituindo, portanto, em simples atividades de transferência de conhecimento. Segundo Gadotti:

[...]a aprendizagem significativa verifica-se quando o estudante percebe que o material a estudar se relaciona com os seus próprios objetivos. [...] É por meio de atos que se adquire aprendizagem mais significativa. A aprendizagem é facilitada quando o aluno participa responsavelmente do seu processo. A aprendizagem autoiniciada que envolve toda a pessoa do aprendiz – seus sentimentos tanto quanto sua inteligência – é a mais durável e permanente. (GADOTTI, 1994)

No sentido de analisar as contribuições do estágio supervisionado, no âmbito da Sala Verde CISA, para a formação dos estudantes do Curso Técnico em Meio Ambiente do CTUR, este artigo parte de uma investigação metodológica alicerçada essencialmente no eixo da abordagem qualitativa, tecendo reflexões a partir da narrativa dos estagiários registradas por um questionário avaliativo semiaberto.

2. Dialogando e refletindo

Com o objetivo de compreender a visão dos estudantes do Curso Técnico em Meio Ambiente do CTUR em relação ao estágio supervisionado realizado no âmbito da Sala Verde CISA, foram convidados a participar da pesquisa os 35 estagiários que completaram sua carga horária total de estágio no período constituído entre os meses de junho de 2015 e agosto de 2018. O questionário aplicado continha 17 perguntas abertas e fechadas, foi elaborado na plataforma de formulários do google e disponibilizado on-line para facilitar o acesso dos sujeitos da pesquisa, entretanto, ainda assim, somente 57% público foi alcançado, somando o total de 20 questionários respondidos e devolvidos, que possibilitaram as análises apresentadas no decorrer deste tópico.

Todos os estudantes envolvidos na pesquisa se integram ao Curso Técnico em Meio Ambiente do CTUR, na modalidade de concomitância externa ao ensino médio. Analisando os registros dos contratos de estágio no local, observamos que a incidência de estagiários dessa modalidade representa, de fato, quase que a totalidade das inscrições, destacando apenas dois registros de estudantes matriculados na modalidade integrada ao longo de todo o período de articulação CISA-CTUR. Uma hipótese para esse alcance mais direcionado seria o envolvimento dos estudantes da modalidade integrada nos projetos internos do CTUR, visto que devido a uma rotina mais intensa no Colégio, estabelecem vínculos mais efetivos com os professores regentes. Por outro lado, os estudantes que integram a modalidade de concomitância externa, em muitos casos, estudam em outras instituições (ensino médio ou graduação) ou dedicam algum tempo para atividades de geração de renda, desta forma, não permanecem no CTUR por tempo suficiente para o estabelecimento desses vínculos, logo, tendem a buscar o estágio supervisionado em outras instituições.

O público feminino representa 80% das envolvidas na pesquisa, e a faixa etária dos entrevistados apresentou uma variação ente 14 e 20 anos no momento da realização do estágio na CISA, sendo observada grande incidência de estudantes de idade entre 16 e 18 anos, somando uma parcela de 70% do total.

No ano de 2016 ocorreu uma reestruturação na matriz curricular do curso, onde a carga horária total exigida para o cumprimento do estágio supervisionado passou de 80 para 100 horas, e neste estudo, 75% dos estagiários afirmam terem cumprido a carga horária definida pela nova resolução.

A grande maioria (85%) dos entrevistados avalia, via questionário, a carga horária total empregada para o desenvolvimento do estágio supervisionado como satisfatória, entretanto, é necessário salientar que devido a modalidade de concomitância externa ensino médio apresentar a mesma carga horária de curso, só que concentrada em 2 anos - enquanto a modalidade integrada distribui as disciplinas em 3 anos – a disponibilidade de horários dos estudantes, especialmente aqueles que cursam o ensino médio em outras instituições, fica muito restrita. Nesse sentido, podemos avaliar que a resposta se deve muito mais às possibilidades de cumprimento da exigência, do que da avaliação real da quantidade ideal de horas necessárias à formação. Todavia, suas narrativas durante o período de convívio na CISA evidenciam o anseio por mais atividades práticas, visto que o curso é compreendido quase que exclusivamente por disciplinas teóricas e os estudantes percebem esta deficiência na articulação teoria-prática como uma lacuna em sua formação profissional. Uma das possibilidades sugeridas seria o aumento das horas de estágio supervisionado para possibilitar o diálogo do estudante com a prática em diversas áreas pertinentes à sua formação, entretanto, diante do exposto, não há viabilidade para o cumprimento de uma carga horária mais elevada devido à concentração do curso no período de dois anos.

Quando questionados sobre os motivos da opção pelo ingresso nesta área técnica, as respostas se pautaram no interesse pela área, como: *“para acrescentar no meu currículo e pela paixão por natureza”*. Algumas falas expõem também o interesse na inserção no mercado de trabalho, visto que: *“a área ambiental é interessante e bem remunerada pelas empresas”*, assim como: *“interesse na área e ao mercado de trabalho”* e: *“agregar no meu currículo caso eu [ingresse] na carreira profissional”*. Outras apontam a intensão em aprofundar a formação na área em uma dimensão acadêmica, revelando que escolheram o curso, pois o mesmo: *“se encaixa perfeitamente com a faculdade que pretendo fazer”*. Mas no geral, os estudantes revelam a preocupação em relação a natureza entendendo que: *“trabalhando nessa área, sinto que posso contribuir de forma mais ativa na preservação do nosso meio ambiente”* e que: *“é uma área onde se precisa ter mais profissionais atuando”*.

Em relação às expectativas após a conclusão do curso, muitos entrevistados têm pretensão de: *“ir mais a frente na área estudada”* e; *“fazer faculdade na mesma área”*, já outros esperam: *“[...]no ano seguinte conseguir um emprego na área”*. Entretanto, dentre os que já concluíram o curso, nenhum afirma estar trabalhando na área de formação profissional. No relato de um entrevistado, o mesmo afirma que até buscou emprego na área, entretanto não obteve êxito, pois segundo ele: *“toda empresa que tentei pediu experiência profissional”*, que um recém-formado não possui ainda. Muitos afirmam que seguiram com os estudos para aprofundar a formação na área, seja em cursos profissionais de pós-médio, como: *“[...]estou fazendo agrimensura, pra adquirir mais formação para trabalhar na área da construção civil”*. Seja em cursos de graduação como relatam: *“Estou cursando Engenharia Florestal na UFRRJ”*, e: *“atualmente estou cursando engenharia ambiental e procurando um estágio nessa área”*. Há ainda os que apresentem expectativas para além da formação profissional, expressando que: *“Minha maior expectativa é fazer algo para tentar mudar a situação que estamos vivendo no mundo de hoje, poucos se interessam pelo meio ambiente e devemos expor com todas as nossas forças como isso é de enorme importância”*.

Dentre as motivações em buscar estágio na Sala Verde CISA foram destacadas pelos entrevistados a aproximação com a prática e também o enfoque na Educação Ambiental. Alguns relatam também o interesse em desenvolver práticas educativas, como: *“Poder ter a experiência de lidar com as crianças, ensinando a elas um pouco de educação ambiental”*.

Quanto aos aspectos positivos do estágio na CISA, o entrevistados enfatizaram a aprendizagem desenvolvida a partir de diferentes abordagens, como: *“participar da organização de eventos e cuidar da horta”*, também relatam que: *“aprendi muito sobre educação ambiental, gostei muito dos documentários que assistimos”*, entenderam que existem *“várias maneiras de implantar a educação ambiental”*, e destacaram a importância de *“integrar o aprendizado com a relação com os alunos do CAIC”*. Foram tecidos alguns elogios referentes a atuação da equipe da CISA, caracterizada como: *“[...]bem comunicativa e acolhedora”*.

Referente aos aspectos negativos da realização do estágio supervisionado na CISA, a maioria dos entrevistados diz não ter observado *“nenhum”*. Todavia, alguns apontaram a: *“falta de distribuição adequada na hora da realização das tarefas”*, que pode ser compreendida pela variação dos horários disponibilizados pelos estagiários, acaba gerando um diferente direcionamento dos estagiários dentre as atividades propostas ao

longo da semana. Outros sugerem que: “*deveria ter mais informações para os estágios em relação a horta e os impactos da educação ambiental*”. E justificam que: “*Não aprendi o suficiente. Acho que lá não tinha os recursos necessários para colocar em prática tudo que aprendi em sala de aula*”.

Pontuando as atividades/propostas/funções que os estagiários mais gostaram de participar durante o estágio na CISA, o grande destaque foi para as atividades educativas, especialmente as realizadas no CAIC, como: “*educação ambiental, fazer atividades voltadas as questões ambientais com as crianças*”, realizadas a partir do Projeto Espaço com Cheiro de Verde. “*As visitas da semana no meio ambiente*”, integradas ao do Projeto Mês do Meio Ambiente na Escola, que no ano de 2018 apresentou a proposta de desenvolver ações de educação ambiental com todas as turmas do CAIC em espaços não-formais, como Jardins Botânicos, Zoológicos, Unidades de Conservação, entre outros. “*Árvore dos sonhos. Foi uma experiência muito boa, tanto no CAIC quanto no CETECON*”, a proposta de construir coletivamente uma “*árvore dos sonhos*” - metodologia baseada em uma das etapas das Oficinas de Futuro descritas pela Eco-92 - foi realizada no Dia Mundial do Meio Ambiente, 05 de junho de 2017, tanto no CAIC quanto CETECON, escola localizada no município de Itaguaí, que convidou a equipe da CISA para participar do evento. “*Gostei do projeto no Colégio Dutra e também com as crianças (árvore dos sonhos)*”, o projeto mencionado intitula-se Educação Ambiental e Proteção Animal, orientado pela Prof.^a Lia Maria Teixeira de Oliveira DCAMPD/UFRRJ e apoiado pela CISA, foi realizado durante os anos de 2016 e 2017, desenvolvendo a proposta de discutir a temática com os estudantes do primeiro ano do Curso Normal (formação de professores em nível médio) do Colégio Estadual Presidente Dutra. “*A visita técnica para a FIOCRUZ e o projeto Tempo Escola 2*”, essa visita foi realizada durante o mês do meio ambiente na escola, e o Tempo Escola 2 faz parte do Projeto Formação Agroecológica para Jovens Cidadãos do Rio de Janeiro que utilizou a Sala Verde CISA como secretaria durante o TE2 em junho/julho de 2018 e contou com a colaboração de alguns estagiários do CTUR em suas atividades.

Já dentre as atividades/propostas/funções que os estagiários menos gostaram de realizar, a maioria relatou que não teve “*nehuma*”, afirmando que “*todas atividades foram um bom aprendizado*” e “*de grande importância para a [...] qualificação como técnica*”. Todavia, alguns apontaram atividades como “*capinar*” e “*limpar canteiros*” da horta escolar, assim como “*cadastrar livros*” da biblioteca da CISA.

Quando perguntados se já tiveram contato com a Educação Ambiental antes da experiência na CISA, somente 10% das respostas afirmam não ter tido nenhum contato antes do envolvimento com a CISA. Já os demais confirmam algum contato, mas muitos afirmam que esse primeiro contato foi a partir do curso no CTUR, como: “[...]na disciplina *Educação, Ambiente e Sociedade ministrada no curso Técnico em Meio Ambiente*”, e o aprofundamento ocorreu na CISA, como afirmam: “[...]só fui ter contato com o tema quando passei para o curso de *Meio Ambiente e no CAIC, quando fui fazer estágio na Sala Verde*”; “[...]porém, foi no CAIC que eu mais me deparei com o tema”

65% dos entrevistados afirma possuir um grau de interesse de elevado a muito elevado pelo tema, motivo pelo qual, sugerem a busca por aprofundamentos na Sala Verde CISA. No que se refere a importância da educação ambiental para a formação do Técnico em Meio Ambiente, é unânime a avaliação positiva, muito embora certas justificativas sejam orientadas por uma visão conservacionista e conteudista, tais como: “*Sim, porque reforça a importância de se preservar o meio ambiente e seus recursos*”; “*Sim, porque a educação ambiental é uma matéria de muita importância já que vivemos no ambiente e precisamos saber como preservá-lo*”; e ainda: “*Sim. Todo técnico em meio ambiente deve ter uma boa base nesse assunto*”; “*Sim, pois para atuar na área devemos entender este conteúdo*”. Todavia, alguns entrevistados apresentam uma análise que perpassa a visão do saber puramente técnico e utilitarista, empregando à Educação Ambiental uma importância para a construção de valores para a vida, como expressam as colocações: “*Considero sim. Porque você consegue criar uma consciência mais sustentável e consegue passar isso adiante.*”, “*Sim, porque ensina-nos a saber ser perante ao meio ambiente*”, e “*Sim, porque [a partir dela] temos um olhar mais amplo*”. E avaliando sua importância, questionam também a deficiência na abordagem prática da Educação Ambiental no ensino formal, relatando que: “*Sim, foi muito importante ter uma base logo que cheguei no curso. Eu não tinha noção de como isso faz falta nas escolas*”.

No último item do questionário foi destinado um espaço livre para que os entrevistados encaminhassem suas críticas e sugestões, em relação ao estágio supervisionado, para a Sala Verde CISA. 70% dos jovens deixaram seus recados, dentre os quais sugeriram:

- “*Criar mais atividades*”
- “*Mais funções práticas para os estagiários*”
- “*Mais dinamismo, e reconhecimento*”

- *“Não tenho críticas. Sugiro que sejam feitos projetos para a inclusão do restante dos alunos da escola, por meio de gincanas, palestras e até mini cursos na horta, fazendo com que eles tenham mais contato ambiental, seria ótimo e não iria atrapalhar as aulas junto ao infantil, já que muitos dos manejos da horta [são difíceis de serem feitos por eles]. E foi um prazer imensurável ter feito parte da sala verde.”*

Já outros avaliam que:

- *“O trabalho desenvolvido na Sala Verde é de extrema importância não só para os alunos, mas também para os estagiários. É uma experiência da qual sou muito grata por ter vivido”*
- *“O trabalho é muito bom, educação ambiental para as escolas, deveria ter mais eventos levando esse projeto para outras escolas.”*
- *“Foi de grande importância para a minha qualificação como técnica, aprendi muitas coisas”*
- *“Foi interessante o período de estágio na sala verde para aprimorar e para agregar os conhecimentos”*
- *“Acredito que a sala verde está evoluindo cada vez mais, em todos aspectos e propostas abordadas.”*

E alguns se puseram a deixar mensagem de apoio e agradecimento:

- *“Continuem da mesma forma”*
- *“Muito bom, continuem como é que está num ritmo muito bom”*
- *“Continuem do jeito que são, vocês são magníficos”*
- *“Quero parabenizar a todos da sala verde, o trabalho é ótimo.”*
- *“Estou com muitas saudades do meu estágio na sala verde e só sei agradecer e dar os parabéns para todos os envolvidos que fazem da sala verde um ótimo projeto e que precisa seguir em frente!”*

3. Avaliando a caminhada e (re)definindo direções

O Meio Ambiente vem ganhando destaque como uma das grandes preocupações mundiais nas últimas décadas, gerando uma notável reestruturação em diversos setores da sociedade. A preocupação brasileira pela exploração de novos mercados soma-se à necessidade de melhorar a imagem do país em relação à preservação da biodiversidade e gestão sustentável dos recursos naturais. Constata-se também, uma crescente onda de consumidores interessados na aquisição de produtos de empresas que assumam sua responsabilidade ambiental. Diante deste quadro, elevou-se a demanda por profissionais qualificados para atuarem na área ambiental, especialmente no setor empresarial, tensionando a criação de cursos para formação de profissionais que atendessem a esse mercado. Partindo dessa premissa, o Curso Técnico em Meio Ambiente tem a sua criação fortemente embasada pela pedagogia tecnicista, cujo foco principal desta tendência pedagógica é “produzir” sujeitos capazes e eficientes para o desempenho de funções no mercado de trabalho. Ao valorizar as informações científicas, presentes nos manuais técnicos e de instrução, incumbe à escola de divulgar o modelo de produção capitalista, de forma a que o aluno internalize e seja bem treinado para inserir-se profissionalmente no sistema econômico vigente (AZEVEDO, et al. 2013).

A tendência tecnicista acaba por enfrentar uma outra questão: a fragmentação dos conteúdos. Essa fragmentação do saber, representada pelas especializações do conhecimento, aprofundou a compreensão das partes em detrimento do conjunto. Contudo, o ambiente é uma unidade que precisa ser compreendida inteira, de forma holística e é através de um conhecimento interdisciplinar que podemos assimilar plenamente o equilíbrio dinâmico do ambiente (GUIMARÃES, 1995). Nesse sentido a Educação deve “estimular o uso total da inteligência geral” (MORIN, 2006, p. 39). E corroborando com Rodrigues:

Deve-se enfrentar o desafio a que nos submetem as especializações, essas fragmentações do saber que enfraquecem a percepção do global e, sendo abstrações, fatiam a ideia de sistema e a de multidimensão, acabando por matematizar o conhecimento. Descortinar, portanto, a falsa racionalidade ou a pseudoracionalidade é fundamental para esta Educação crítica, a fim de que, conjugando as partes no todo e o todo nas partes, possamos tornar possíveis outras racionalidades. (RODRIGUES, 2010, p86)

O educador ambiental crítico sustenta a ideia de que a educação é construção, longe do bancarismo, e pensando o novo, entende que as intervenções devem buscar a transformação da realidade:

Portanto, entendo que a formação de um educador ambiental seja diferente. Não é somente dar instrumental técnico-metodológico, como parece ser a tendência nas propostas de formação de multiplicadores em educação ambiental, mas propiciar uma formação político-filosófica (além de técnico-metodológica), para transformá-lo em uma liderança apta, pela ruptura da armadilha paradigmática, a contribuir na construção de ambientes educativos, em que ele se apresente como um dinamizador de um movimento conjunto, capaz de criar resistências, potencializar brechas e construir, na regeneração, a utopia como o inédito viável da sustentabilidade.(GUIMARÃES, 2004, p. 141)

Ressaltamos que a dimensão ambiental deve estar contemplada na formação em todos os níveis de ensino, como previsto nos marcos legais da EA brasileira. Nesse sentido, compreendemos que a realização do estágio supervisionado sob a temática da Educação Ambiental pode ser construído em todas as áreas de formação profissional, visto que além do conhecimento dos conceitos gerais na organização escolar e planejamento pedagógico, a EA promove a interdisciplinaridade entre a construção do conhecimento associada às ações teóricas e práticas para o processo gradativo na formação do ser crítico e transformador podendo também atuar no processo construtivo da emancipação e protagonista na formulação e conclusão de seus destinos tanto na vida pessoal quanto na área profissional transformando multiplicadores ambientais em lideranças social e ecologicamente orientadas (MAGALHÃES et al., 2013).

Nessa perspectiva, o estudante do Curso Técnico em Meio Ambiente que se integra a um espaço formador como a CISA, por meio do estágio supervisionado, se depara com a criação de uma nova dimensão nesse processo (auto)formativo. Entendemos como fundamental a realização do estágio supervisionado não como mero cumprimento curricular para atuação profissional, mas como possibilidade integradora da formação, que na CISA se estabelece a partir de uma parceria entre Universidade-Educação Profissional-Educação Básica-Sociedade. Para Paulo Freire:

[...] não há palavra verdadeira que não seja práxis, transformar o mundo. Dessa forma, esgota a palavra de sua dimensão de ação e sacrificada, automaticamente, a reflexão também se transforma em palavreria, em verbalismo alienado e alienante ; é uma palavra oca, da qual não se pode esperar denúncia do mundo, pois que não há denúncia verdadeira sem compromisso de transformação, nem esse sem ação. Se, pelo contrário, se enfatiza ou se exclusiviza a ação, com o sacrifício da reflexão, a palavra se converte em ativismo; este que é a ação pela ação, ao minimizar a reflexão, nega também a práxis verdadeira e impossibilita o diálogo (FREIRE, 1992, p.137).

Compreendendo o ser humano como um ser histórico, sua história não pode ser negada ou desconsiderada no momento da aprendizagem. Deste modo, o processo de se

manter em constante avaliação e reinvenção de suas próprias práticas, buscando proporcionar o direcionamento mais adequado para cada jovem que se insere na CISA, visa contemplar de maneira mais efetivas às expectativas quanto ao estágio supervisionado com enfoque na Educação Ambiental.

Construímos o mundo a partir de laços afetivos. Esses laços tornam as pessoas e as situações preciosas, portadoras de valor. Preocupamo-nos com elas. Tomamos tempo para dedicar-nos a elas. Sentimos responsabilidade pelo laço que cresceu entre nós e os outros. A categoria cuidado recolhe todo esse modo de ser. Mostra como funcionamos enquanto seres humanos. Daí se evidencia que o dado originário não é o logos, a razão e as estruturas de compreensão, mas o pathos, o sentimento, a capacidade de simpatia e empatia, a dedicação, o cuidado e a comunhão com o diferente (BOFF, 1999, p.99).

Embora o envolvimento participativo e o diálogo sejam os eixos norteadores das relações na CISA, buscando compreender as expectativas e propor direcionamentos, consideramos que o período de interação com estudantes do CTUR é insuficiente para sugerir uma formação completa, com o aprofundamento e complexidade necessários. Entretanto, as falas dos entrevistados demonstram contribuições no sentido de iniciar o despertar para novas ações, e principalmente, na busca por dar continuidade na formação em outros níveis.

Pensando a educação em Paulo Freire, entendemos a necessidade de tecer reflexões acerca do ensino profissionalizante no Brasil, historicamente marcado por um viés mercadológico e destinado ao atendimento de demandas, sobretudo, do setor industrial. Ao longo do século XX, essa modalidade de ensino foi estruturada e operacionalizada visando incorporar as classes sociais mais pobres ao processo produtivo. O ensino propedêutico, por sua vez, foi direcionado para as classes sociais mais abastadas.

Nesse sentido, a Educação Ambiental pautada na perspectiva crítica se mostra como uma possibilidade orientada para a ruptura da manutenção dessas estruturas sociais e econômicas dominantes, que impedem a própria transformação. E sem a pretensão de prescrever receitas ou conclusões prontas e acabadas, debruçamo-nos nesta pesquisa refletir sobre o papel da Sala Verde Centro de Integração Socioambiental, em parceria com o Grupo de Estudos em Educação Ambiental, Diversidade e Sustentabilidade, no processo de mediação, a partir da Educação Ambiental, para formação de sujeitos mais críticos, neste estudo, do Técnico em Meio Ambiente do CTUR.

Compreendemos à luz do pensamento freireano que a questão ambiental e a educação, são eminentemente políticas e implicam em construir pela participação radical

dos sujeitos na vida social e pela permanente problematização da realidade, ações necessárias à ação transformadora da sociedade. Desta forma, apontamos a relação constitutiva da interdisciplinaridade freiriana para EA crítica a qual possibilita partindo de categorias como totalidade, contradição, práxis, dialética, dialógica refletir sobre a sociedade capitalista que subjuga as relações com a natureza.(TOZONI-REIS, 2006 apud COSTA; LOUREIRO, 2018)

Conforme supracitado, o tempo destinado para o desenvolvimento do estágio supervisionado é considerado insuficiente para um aprofundamento na temática, portanto, sugerimos que a Educação Ambiental deva ser inserida em um contexto mais amplo, não somente no momento do estágio ou em disciplinas específicas, mas de forma inter e transdisciplinar. Nesse sentido, a fragmentação dos conteúdos é um desafio a ser transposto para se conceber uma educação como ato de conhecimento, não somente como acumulação de conteúdos desconectados.

Por fim, esperamos que os resultados desta pesquisa ofereçam subsídios para que possam gerar reflexões e discussões no sentido seguir trabalhando na construção de uma práxis educativa fundamentada por uma ação transformadora, capaz de contribuir na formação socioambiental dos estudantes do Curso Técnico em Meio Ambiente, assim como dos demais sujeitos que atuam na Sala Verde CISA. Filiamo-nos à esperança, uma vez que a compreensão do mundo nos faz caminhar para a utopia de tempos melhores, mais harmônicos e justos, para uma prática onde o "saber cuidar" seja a tônica para a construção de sociedades sustentáveis (OLIVEIRA et. al, 2013).

Referências

AZEVEDO, Antulio José de; BONADIMAN, Claudia; GUTIERRES, Ivenis Rosa Magalhães; SOUZA, Aparecida Amélia de. A influência da pedagogia tecnicista na prática docente de uma escola de educação básica. **Revista Científica Eletrônica de Pedagogia**. Ano XI. Número 21. Janeiro de 2013.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

COSTA, Cesar Augusto; LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Perspectivas interdisciplinares à luz de Paulo Freire: contribuições político-pedagógicas para a educação ambiental crítica**. In BATTESTIN, Cláudia; DICKMANN, Ivo (orgs). Educação Ambiental na América Latina. 1ed. Chapecó: Plataforma Acadêmica, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança; um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992b. 245p.

GADOTTI, Moacir. Pressupostos do projeto pedagógico. **Cadernos Educação Básica - O**

279

projeto pedagógico da escola. Atualidades pedagógicas. MEC/FNUAP, 1994.

GUIMARÃES, Mauro. **A dimensão ambiental na educação.** Campinas: Papirus, 1995. 107p.

_____. **A formação de educadores ambientais.** Campinas: Papirus, 2004. 176 p.

LAYRARGUES, Philippe Pomier; LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. **As macrotendências político-pedagógicas da educação ambiental brasileira.** Ambiente & Sociedade, 2014, v. XVII, n. 1, pp.23-40.

MAGALHÃES, Ana Carolina Rodrigues de; SILVA, Raissy Arielly Marques da; ESTOLANO, Lilian Couto Cordeiro; PARAJARA, Tarci Gomes. **A abordagem da Temática Ambiental desenvolvida na Disciplina de Estágio Supervisionado do Curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas.** Anais da XXIII Jornada de Iniciação Científica da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. CD-ROM, 2013. ISSN 1809-1342.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 11.ed. São Paulo: Cortêz; Brasília: UNESCO, 2006.

OLABARRIAGA, Néri. **Da ciência, Tecnologia e sociedade à contribuição da dimensão socioambiental: um campo em constante construção para o ensino de ciências.** In GUIMARÃES, Mauro; FONSECA, Lana.(orgs). Educação em ciências e educação ambiental: caminhos e confluências. Seropédica, RJ: Ed. da UFRRJ, 2012.164p.

OLIVEIRA, Ana Luisa de Castro de; PIMENTEL Samara dos Santos; NOGUEIRA, Thamiris Nunes Monteiro; SOARES, Ana Maria Dantas Soares. Universidade e Ambiente: Repensando a Formação dos Formadores. Anais da XXI Jornada de Iniciação Científica da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. CD-ROM, 2011. ISSN 1809-1342.

RODRIGUES, Jéssica do Nascimento. **Das concepções prévias aos sentidos construídos na formação crítica do educador ambiental,** Rio de Janeiro, 2010. 138p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2010.

Submetido em: 23-09-2018.

Publicado em: 26-11-2018.